

# **A ATUAÇÃO DAS ONG AMBIENTALISTAS NA SEGUNDA “FASE” DO MOVIMENTO AMBIENTAL EM SERGIPE (1993-1999)**

*The role of environmentalist NGOs in the second "phase" of the environmental  
movement in Sergipe (1993-1999)*

**Matheus Pereira Mattos Felizola**

matheusfelizola@infonet.com.br

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Professor Assistente da Universidade Federal de Sergipe

**Fernando Bastos Costa**

fbastos@ufrnet.br

Doutor em Ciências Sociais

Vinculado ao doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## **RESUMO**

A pesquisa teve por objetivo principal a missão de analisar qual o perfil dos movimentos ambientais *Stricto Sensu* e Socioambientais em Sergipe entre 1993 e 1999. A pesquisa surgiu da necessidade de mapear e avaliar criticamente o movimento ambiental em Sergipe entre o momento da “explosão” das ONGs ambientais após a conferência do Rio de Janeiro em 1992 e a Lei das OSCIPs. Os procedimentos metodológicos focaram a pesquisa bibliográfica, levantamento nos jornais sergipanos em um período de sete anos, análise de quatro “movimentos” selecionados e entrevistas em profundidade, semi-estruturadas, com atores sociais ligados ao tema. Como conclusão, observou-se que o ambientalismo em Sergipe, nesse período histórico embora tenha tido um grande apelo da mídia após 1992, não teve um crescimento na quantidade de ONGs ambientalistas e mesmo as ONGs que já existiam perderam sua força devido a fatores relacionados com as suas próprias práticas de gestão e também pela ausência de foco das suas principais lideranças.

**Palavras-chave:** Ambientalismo. Novos Movimentos Sociais. ONGs. Eco 92 e OSCIPs.

## ABSTRACT

The research aimed mainly to analyze what the profile of Strictu Sensu and Socio Environmental movements in Sergipe between 1993 and 1999. The research arose from the need to map and critically evaluate the environmental movement in Sergipe between when the "boom" of environmental NGOs after the conference in Rio de Janeiro in 1992 and the law of OSCIPs. The methodological procedures focused on the bibliographic research, gathering in Sergipeans newspapers over a period of seven years, analysis of three selected "movements" and in-depth, semi-structured interviews with social players linked to the theme. In conclusion, we observed that environmentalism in Sergipe, although this historical period has had great appeal in the media, has not had an increase in the number of environmental NGOs and even the NGOs that existed before have lost their strength due to factors related to their own management practices and also by the lack of focus of their main leaders.

**Key-words:** Environmentalism, New Social Movements, NGOs, Eco 92 and OSCIPs.

## INTRODUÇÃO

Durante a II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano em 1992, ocorreu uma explosão na quantidade de ONGs no Brasil. O próprio Fórum Global das Organizações Não governamentais (ONGs) e o fórum nacional denominado Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais Rio 92 exemplificam essa movimentação. Esses fóruns aumentaram a atenção para a criação de ONGs, que pressionavam os setores político-administrativos da sociedade, para que houvesse uma sensibilização tanto da opinião pública como por parte das lideranças do poder público em preservar o meio ambiente.

O ambientalismo, que até então tinha mais força no Sul e Sudeste do país, se expandiu e penetrou em outras regiões brasileiras. O Nordeste, como as demais regiões do país, sofreu com o processo de degradação ambiental, e o número de entidades ecológicas e manifestações ambientais cresceram, essa perspectiva foi percebida pelos autores. (CAMPÉLLO 2008, CHACON 2003; DOMINGUES 2010; FREITAS 2006; JACOBI 2003; 2006; SENA 2007). Essas organizações lutavam contra a instalação de barragens em algumas regiões e o desrespeito dos santuários ecológicos pela construção civil e a poluição em outras localidades. Nesse período, surgiu um dos movimentos sociais mais importantes para a história do ambientalismo em Sergipe, o <sup>1</sup> Movimento Popular Ecológico- MOPEC, criado em 1991, e que se configuraria como o primeiro movimento popular ambiental do estado.

Na Conferência de Meio Ambiente do Rio de Janeiro em 1992, um dos temas mais importantes estava relacionado à declaração dos princípios das florestas, que aprovou a liberdade e soberania dos estados aproveitarem, de forma sustentável, suas florestas. O polêmico princípio da intervenção ambiental era temido pelos países subdesenvolvidos, mas não foi aprovado, pois o entendimento foi que não poderia ser permitida a intervenção dos estados centrais em prol de uma pseudo defesa ambiental. A não aprovação desse princípio deu mais responsabilidade à gestão ambiental no Brasil, para criar mecanismos de controle em áreas gigantescas e abandonadas pela defesa brasileira

---

<sup>1</sup> O MOPEC surgiu com a Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE), a partir de um encontro realizado em 1989. O grupo realizou várias ações populares no final da década de 1980, porém só foi oficialmente criado em 1991.

e, conseqüentemente aumentou a pressão internacional contra os crimes ambientais que aconteciam no país. Essa afirmação combina com a visão polêmica de Ferry (2009, p.33) “No terceiro mundo ou nos países do Leste, as necessidades do desenvolvimento econômico relegam ao segundo plano as questões do meio ambiente. [...]”. Essa visão crítica era a tônica na conflituosa relação entre as potências centrais e os países periféricos.

Pode-se dizer que, a partir do polêmico e controverso ano de 1992, a questão ambiental ganhou status de problema internacional emergencial, deixando de fazer parte das discussões de pequenos grupos privilegiados intelectualmente e financeiramente. Começou então, a mobilizar não apenas a sociedade civil organizada e os meios de comunicação de massa, mas também os governos das nações centrais e periféricas, no caso das menos desenvolvidas, até mesmo pela pressão sofrida pelo não cumprimento dos acordos internacionais. Pode-se afirmar também, que esta força que sustentou o movimento ambiental, desde então, provém dos processos de disseminação global de práticas correlacionadas à difusão de ideologias e conhecimentos desenvolvidos por movimentos ambientais organizados. Esses movimentos vinham ganhando força a partir da década de 1990, inclusive nos países menos desenvolvidos, foi à percepção de Boeira (2003).

Embora a extensa agenda de discussões em fóruns e reuniões tenha refletido em medidas internacionais de pressão, essas ações não ocasionaram um aumento no número de estratégias de proteção, na verdade muito pelo contrário, à medida que aumentaram as discussões e os debates ambientais, mais se aprofundavam os conflitos o que tornou mais confusa a já complexa problemática ambiental. O próprio processo de disseminação das ONGs tinha uma ligação com fenômenos surgidos com o predomínio do neoliberalismo e acabou gerando uma pluralização do sujeito social, tornando-o complexo em suas necessidades e anseios e na sua concepção de cidadania. Assim essas ONGs tornaram-se responsáveis por gerar um processo de educação e conscientização ambiental que o governo estava se isentando de promover, sendo a responsabilidade repassada ao terceiro setor, que não dispunha de experiência nem de recursos para responder a tal demanda, na ótica de Coimbra (2005, 2011) e Herculano (2000).

Foi no decorrer da década de 1990, que surgiram dezenas de organizações em

Sergipe, algumas focadas em uma prática mais contundente de denúncias, como foi o caso da Água é Vida,<sup>2</sup> fundada em 1998 na cidade de Estância, no litoral Sul sergipano, e foi nesse período também que outras organizações fundadas na década anterior (ASPAM<sup>3</sup> e MOPEC<sup>4</sup>) aumentaram o seu poder de impacto e mudaram também suas estratégias administrativas, esse período histórico foi fundamental para a discussão ambiental no estado de Sergipe devido ao aumento da atenção da grande mídia para a questão. Esse trabalho é fruto de uma tese de doutorado intitulada “A Trajetória dos Movimentos Socioambientais em Sergipe- Personagens, Instituições e Estratégias de Comunicação” e enfocou a atuação nesse período histórico que vai do aumento da discussão ambiental pós 92 até 1999, ano que surgiu a Lei 9.790/99 conhecida com a Lei das OSCIPs e que modificou completamente a percepção das ONGs em todo o Brasil e teve como objetivo geral a missão de analisar qual o perfil dos movimentos ambientais *Stricto Sensu*<sup>5</sup> e Socioambientais<sup>6</sup> em Sergipe entre 1993 e 1999.

Foram investigados, durante sete anos de pesquisa, os seguintes jornais: Gazeta de Sergipe<sup>7</sup> entre 1972 até março de 2004 (quando o jornal acabou de publicar) e do Jornal Correio de Sergipe<sup>8</sup>.

Partindo desses dados preliminares oriundos das pesquisas nos jornais, iniciou-se uma análise documental realizada no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS),

---

<sup>2</sup>Fundada em 1998 na cidade de Estância, sendo a mais combativa ONG em atividade no interior do Estado. Tem uma política de denúncia bastante agressiva e atuante, a sua principal liderança, o senhor Luis Alberto Palomares, é um dos mais carismáticos líderes ambientais do interior do Estado de Sergipe. A ONG é uma das primeiras organizações em Sergipe a atuar verdadeiramente na Internet. O professor Palomares, como a sua principal liderança é conhecida, já foi candidato a cargos públicos e assumiu alguns cargos comissionados, embora não tenha saído da luta ambiental durante todos esses anos.

<sup>3</sup>Primeira ONG ambientalista de Sergipe fundada em 1983, no início essa organização contava com a participação de professores da Universidade Federal de Sergipe- UFS e estudantes do curso de Biologia. Trouxe um caráter científico para o movimento no Estado. A organização deixou de funcionar em 1998.

<sup>4</sup>O MOPEC- Movimento popular Ecológico foi a entidade com o maior participação no Estado, tanto que ela é citada por quase todos os entrevistados, no período de abordagem da pesquisa. A ONG surgiu em 1991 e cresceu como um movimento popular de base.

<sup>5</sup>O ambientalismo *Stricto Sensu*: associações e grupos comunitários ambientalistas que podem ter uma conduta que os classifiquem em profissionais, semiprofissionais e amadores). A partir da percepção de diversos atores que serão analisados posteriormente como Boeira, Viola, Leis, Leff e outros.

<sup>6</sup>Na perspectiva de Leis (1996, 106), “o socioambientalismo abrange uma vasta variedade de organizações não-governamentais, movimentos sociais e sindicatos, que têm incorporado a questão ambiental como uma dimensão importante de ação”.

<sup>7</sup>O Gazeta de Sergipe foi um jornal fundamental para a História de Sergipe, tendo sido fundado por Orlando Dantas em 1956 e fechando seu ciclo definitivamente em 2004. Orlando Dantas era uma das figuras mais interessantes da história de Sergipe, filho de rica família de Usineiros, tornou-se escritor, jornalista, político e defensor do Meio ambiente. Em relação à importante história do Jornal, existe uma monografia intitulada “Memórias Empoeiradas da Gazeta de Sergipe”, das autoras Flávia Martins e Joana Côrtes do curso de Jornalismo da Universidade Tiradentes-UNIT.

<sup>8</sup>Jornal fundado em janeiro de 2001, sendo ligado ao grupo político do ex-governador e ex-ministro João Alves Filho.

na Biblioteca Estadual Epifâneo Dórea, no arquivo da Administração Estadual do Meio Ambiente (ADEMA), na Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMARH), na biblioteca do PRODEMA e nas sedes das principais organizações não governamentais relacionadas à temática da sustentabilidade.

Dessa maneira, em paralelo à pesquisa principal, buscou-se também entrevistar pessoas que tiveram ligação direta com o movimento ambiental ou com as organizações não governamentais estudadas, e que tivessem participado diretamente de algum projeto ligado à área ambiental, independentemente de ser um projeto isolado, municipal, ou federal, procurando dessa maneira identificar a percepção dessas pessoas frente às ações do movimento.

O recurso da entrevista em profundidade foi escolhido pela possibilidade de investigar, perceber e descrever os fenômenos científicos, em termos conceituais Duarte (2010) analisa que:

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. (DUARTE, 2008, p.62).

Após terem sido traçados os movimentos sociais e ONGs que seriam analisados, foram feitas entrevistas individuais com cada uma das lideranças. Além disso, vários entrevistados foram ouvidos mais de uma vez, alguns por meio do recurso da gravação da entrevista, outros em situações mais informais para facilitar a empatia entre o entrevistado e o entrevistador.

[...] para contrabalancear estas tendências compreensíveis e encorajar o entrevistado a falar longamente, a se expandir em aspectos de sua vida e ser sincero, o entrevistador deve deixar o entrevistado à vontade e estabelecer uma relação de confiança e segurança, o que se costuma chamar de *rapport*<sup>9</sup>[...]. (BAUER E GASKEL, 2002, p.74).

---

<sup>9</sup> Concordância, liberdade, anuência que o entrevistado dá ao entrevistador para adentrar na sua realidade de vida.  
*Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade* | vol.2 n.1 | jul - dez 2012

Devido aproximação do pesquisador principal com toda a dinâmica ambiental do estado, e por ter sido participante direto de alguns conflitos ambientais no Estado de Sergipe, utilizou-se do artifício de entrevistas cedidas aos bolsistas do PICVOL- Programa de Bolsistas Voluntários, e alunos envolvidos de forma direta em outras pesquisas relacionadas a dois temas específicos, comunicação e meio ambiente e comunicação nos movimentos sociais.

De forma resumida, foram investigados quatro movimentos sociais organizados (ASPAM, MOPEC, Pensar Verde<sup>10</sup> e ONG Água é Vida), que foram as organizações mais citadas tanto nas entrevistas realizadas com formadores de opinião em Sergipe, como nas pesquisas realizadas nos jornais em Sergipe.

## **OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS**

Os novos movimentos sociais acabaram ampliando a atuação dos movimentos, e levando para outras esferas sociais a possibilidade de reunião para discussão de problemas de ordem mais universal, tanto no tocante à política, como na esfera do social e do cultural. A própria bibliografia que analisa os novos movimentos, os estuda a partir das vertentes culturais, de solidariedade e da construção de novas identidades.

Na visão de Peruzzo (1998, p.54):

Os movimentos ocupam um espaço cujas expectativas e reivindicações os canais vigentes não estavam conseguindo absorver, como aqueles relacionadas às necessidades de moradia, de melhorias e de acesso a bens de consumo coletivo, às discriminações raciais e sexuais[...].

A discussão dos Novos Movimentos Sociais surgiu a partir de uma crítica à abordagem ortodoxa marxista, principalmente no tocante às novas percepções relacionadas com movimentos surgidos a partir de 1960.

A principal crítica em relação à abordagem marxista está baseada na leitura das

---

<sup>10</sup> Movimento social surgido na Universidade Federal de Sergipe e que segundo dados colhidos em pesquisas teve atuação entre 1985 e 1995, tendo o senhor Reinaldo Nunes como uma das maiores lideranças. O Pensar Verde foi o embrião do PV- Partido Verde em Sergipe.

análises das estruturas sociais, em especial à econômica, focada em um determinante da ação humana. A partir da visão de Tavolaro (2001, p.89) “[...] não se pode dizer mais que os novos movimentos sociais sejam levados adiante por indivíduos com uma identificação de classe clara e que lutam em nome da classe da qual fazem parte”. Essa ausência de sentimento de classe é a tônica dos movimentos. Essa mudança no cenário está ligada diretamente ao esvaziamento e à fragmentação da classe operária em função da crescente situação de desemprego e do subemprego. A própria noção de incentivar o empreendedorismo, tão em voga a partir da década de 1990, seria mais uma estratégia de solidificação das premissas neoliberais. Siqueira (2002) traz uma visão interessante da dicotomia entre os antigos e novos movimentos sociais ao afirmar:

Os movimentos sociais, sejam novos ou tradicionais, encontram-se contextualizados em meio às essas transformações ocorridas na economia, a expansão dos mercados, marcados pela profunda crise estrutural da economia mundial e pelas mudanças nos modelos de organização da produção e do trabalho sob inspiração Fordista para um padrão de flexibilização das relações de trabalho e produtivas baseadas no Toyotismo. (SIQUEIRA, 2002, p. 10).

Touraine (1977), ao analisar o movimento social, faz uso da concepção de uma ação conflitante de agentes classistas em busca do controle do sistema, ou seja, o autor não abandona completamente o pressuposto marxista, embora na sua ótica o sistema de disputa tenha além da óbvia conotação social, também um aspecto relacionado a cultura e seus confrontos ideológicos. A própria noção da identidade a partir da ótica do ator, a análise do adversário da luta e a partir da visão totalizante ou aquilo que está em jogo no conflito social, em sua perspectiva, existem três tipificações dos movimentos: Os movimentos sociais, os movimentos culturais e os movimentos históricos. Antes de adentrar nas tipificações, torna-se mister verificar que na ótica do autor, o ator social não estaria apenas agindo de acordo com a posição dentro dos organismos sociais, mas seria aquele que produz novos conceitos e paradigmas culturais, rompendo com os padrões sociais estabelecidos, então esse novo sujeito não tinha um campo de disputa linear nos novos movimentos sociais, pois o ator social, poderia estar lutando contra ou a favor de personagens importantes da esfera de disputa, essa percepção aparentemente corrobora com a visão de Gadea (2005).

Os movimentos sociais a partir da década de 1990, no Brasil passam a vivenciar o predomínio da política e das reformas estatais, surgindo um novo campo de luta de dominação, onde são compartilhados poderes políticos e econômicos, tratando de discutir as relações sociais, sob a ótica da lógica de mercado, e da inviabilidade ou incapacidade do estado de atender os anseios e desejos da população. Pode-se dizer que a própria evolução do capitalismo, enquanto fonte de desenvolvimento das forças antagônicas de mercado trouxe a reboque a necessidade populista de desenvolvimento de estratégias de comando, envolvendo modificações na estrutura dos processos sociopolíticos e culturais que envolvem as classes sociais.

## **OS MOVIMENTOS AMBIENTAIS EM SERGIPE**

Os novos movimentos sociais no Brasil e, em especial em Sergipe, originam-se da implementação das estratégias de discussão, surgidas no seio das lutas reivindicatórias. Principalmente na luta pela condição de vida, de terra, de moradia e também pelo meio ambiente. Essas lutas ganharam contornos relacionados com a disputa entre os interesses da burguesia contra os interesses de uma minoria que simplesmente não está inserida no mercado.

Na década de 1990 os governos do PSDB tiveram baixo nível de participação e mobilização da cidadania, ocasionando o enfraquecimento dos direitos trabalhistas. Nesse período o Brasil ampliou o consumo em massa e a desigualdade econômico-social. Essas ações acabaram ocasionando crises na região. Para Gohn (2003), à medida que as políticas neoliberais vão se desencadeando, os movimentos também passaram a construir um entendimento sobre a questão de autonomia diferente do que existia nos anos 1980. Os novos movimentos organizados surgem a partir de novas identidades sociais, ultrapassando o quadro institucional vigente, e exigindo o reconhecimento de categorias excluídas do jogo político e são, portanto, instrumentos de modificação deste jogo.

De forma resumida, pode-se dizer que os movimentos sociais, acabam sendo uma reação resultante do conflito entre duas esferas da sociedade antagônicas ou não, e que de uma forma ou de outra, acabam propondo mudanças na vida social. No Brasil, assim

como em toda a América latina, é muito fácil observar os impasses surgidos entre o interesse de democratização, a inércia do Estado e a própria estrutura capitalista.

Na década de 1990, as ONGS sergipanas tinham uma participação declarada dos intelectuais sergipanos, existia também uma proliferação das organizações formadas por técnicos<sup>11</sup> que conheciam a fundo a causa ambiental, essas instituições acabam tendo forte influência, legitimando vários programas do Estado. Uma ação interessante surgida a partir da análise da atuação das ONGs ambientais na década de 1990. Em Sergipe, essas ONGs tiveram uma postura de associação com governos e também com as universidades, dividindo esforços e trabalhando em conjunto para benefícios mútuos.

A partir do acesso aos estatutos de criação de algumas ONGs, o processo para formação era bastante simples. Primeiro os ambientalistas criavam um estatuto com as funções e os nomes de todos os integrantes da ONG, deixando clara qual a finalidade. Além disso, eram necessários outros dados menos importantes, como obrigação dos sócios, tempo de duração. Quanto aos objetivos das ONGs, todas ONGs fundadas na década de 1990, tinham uma linha focada no preservacionismo e conservacionismo.

Para fazer um contraponto entre as duas décadas Trevisol (2007, p.35) faz a seguinte análise:

[...] Os anos 80 passou a sintetizar a revolução no associativismo civil em escala planetária, especialmente a expansão das organizações ligadas aos direitos humanos, gênero, questões indígenas, meio ambiente, biodiversidade, educação, assistência humanitária, combate à pobreza e tantas outras. Nos anos 90, foi empregado para nomear o “terceiro setor”, o fenômeno ONGs e, especialmente, as redes e as interações locais e globais entre os movimentos e as organizações sociais.

Pode-se afirmar que, a partir da década de 1990 no Brasil e no mundo, o meio ambiente adentrou de forma mais voraz nos planejamentos estratégicos das discussões ambientais, surgindo um movimento organizado, que facilmente poderia ser chamado de ambientalismo empresarial ou organizacional. A chave do discurso seria o conceito de desenvolvimento sustentável e sua aplicabilidade no mundo dos negócios, essa necessidade de equilibrar os fatores sociais, econômicos e ambientais, buscando a

---

<sup>11</sup> Ailton Francisco da Rocha, Ana Torres, Lício Valério Lima Vieira, Lidia Maass Reis, Valdineide Barbosa Santana dentre outros.

sustentabilidade corporativa e influenciando todos os planos de negócios empresariais surgidos desde então. A partir dessa década, era possível identificar termos como meio ambiente, ecologia e desenvolvimento sustentável em quase todas as “missões organizacionais” das empresas modernas. Desde então, todas as práticas sustentáveis fizeram surgir novos formatos de produção visando o menor desperdício e menores problemas ambientais para o homem. Alguns movimentos da década de 1980 como a ASPAM e o Pensar Verde tiveram participação nesse período, embora no final da década tenham perdido sua força. A AMABA continuava lutando pelos interesses do bairro América, mas sem a mesma mobilização da década passada. Dois novos movimentos organizados tiveram uma grande importância na década e são considerados fundamentais para entender um pouco mais da discussão ambiental no Estado. O primeiro surge de uma ação comunitária o MOPEC em 1991 e quase no final da década em 1998 surge a ONG ÀGUA É VIDA, essas duas organizações tinham um profundo caráter contestatório.

Alonso & Costa (2000); Maciel, Débora (2007) em seu papel analisam que a temática ambiental ganhou espaço pós 1992, não apenas no movimento ambientalista, como era de se supor, mas também pela produção científica ter aumentado desde então, a mudança repentina de foco dos especialistas na área das ciências naturais, levou os autores a questionarem, se essa mudança foi originada pela facilidade de financiamento, ou pela visibilidade que as pesquisas poderiam dar ao pesquisador.

Em termos organizacionais, as duas ONGs (MOPEC e ÀGUA É VIDA), mesmo tendo em seus estatutos uma divisão com diretores, organogramas e fluxogramas, essa visão planejada e administrativa, nunca saiu do “papel”, embora nessa década já fosse possível observar o surgimento de diversas ONGs organizadas, com recursos oriundos das mais diversas fontes em outras regiões brasileiras, e também do início da chegada das ONGs “multinacionais” como o WWF e o Greenpeace. A partir da visão da ECO 92, nas palavras de Trevisol (2007, p.81) “ [...] as demais ONGs, especialmente as nacionais, tiveram oportunidade de trocar experiências e formar novos vínculos com outras entidades e agências de financiamento”. As duas ONGs sergipanas não conseguiam recursos para aumentar sua participação, de acordo com o pensamento do senhor Lisaldo Vieira (MOPEC) que acredita que o principal problema foi o próprio formato das ONGs, no

primeiro momento elas lutavam contra a opressão do Estado e também de grupos econômicos importantes. Na ótica de Peruzzo (1998, p.148) “[...] os movimentos sociais populares brasileiros estão construindo algo de “novo”, expressando interesses coletivos que trazem em seu interior um esforço pela autonomia e “por que fazer” democrático, num novo espaço de ação política, contribuindo, assim, para a elaboração de outros valores”. O MOPEC pode ser considerado o principal movimento social na área ambiental surgido em Sergipe.

Através de dados colhidos nas entrevistas com o Senhor Lisaldo Vieira e na análise de documentos do grupo, traçando um rápido histórico do movimento, é importante destacar que o Movimento Popular Ecológico de Sergipe surgiu como uma concretização, em Sergipe, da Proposta do Primeiro Encontro de Agentes de Projetos, da Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE), em Salvador (BA), onde o tema principal do encontro estava relacionado com o meio ambiente. Estiveram presentes nesse encontro dois representantes do Movimento Popular de Sergipe, que suscitaram no Estado essas mesmas discussões sobre lutas populares e o problema ecológico, assim formou-se uma articulação de pessoas interessadas neste tema durante todo o final de 1989 e início de 1990, até que foi organizada a proposta de realização do 1º Seminário sobre o mesmo tema do encontro da CESE: Meio Ambiente e Organização Popular, dentro da Realidade de Sergipe.

Pelas palavras do senhor Lisaldo Vieira, após essa reunião, surgiu uma coordenação que foi composta principalmente por lideranças de comunidades de bairros, principalmente do São Conrado, Bairro América, Coroa do Meio, Augusto Franco, entre outros. Essa presença de lideranças comunitárias no movimento deveu-se à própria proposta de inter-relacionar a questão social com a defesa do meio ambiente, que foi estabelecido como princípio básico do MOPEC.

Uma questão importante trazida pelo senhor Lisaldo Vieira foi a sua participação na luta pelo fechamento da fábrica de cimento Portland pela AMABA. Embora ele não tenha oficialmente participado do grupo, essa ajuda de integrantes com outros grupos é algo bastante comum no meio ambiente em Sergipe.

O trabalho do MOPEC no bairro São Conrado, em escolas e comunidades com problemas de ordem sócioambientais, começou a partir da articulação de um grupo de

ambientalistas do local, denominado "SOS - São Conrado", que já desenvolvia uma luta ambientalista desde o início do ano de 1990, contra a poluição atmosférica oriunda de uma lagoa de estabilização existente no Distrito Industrial de Aracaju, localizada nas imediações do bairro. Além disso, havia também um transbordamento dos resíduos da referida lagoa que poluía grande extensão de mangues e do Rio Poxim que servia a inúmeras famílias de pescadores da área. Somado à poluição, perdura uma acelerada destruição dos manguezais na área por aterros, desmate, poluição e até por lixeiras; a especulação imobiliária presente no bairro explora a população com altos aluguéis das casas erguidas nos aterros e ajuda a extinguir o manguezal diariamente. Várias ações foram desenvolvidas pelo MOPEC junto ao grupo de base do bairro, o "SOS São Conrado", dentre elas destacam-se duas manifestações contra a poluição da lagoa de estabilização do Distrito Industrial, com entrega de um abaixo assinado para a CODISE (Campanha de Desenvolvimento de Sergipe), no dia 22 de abril de 1990- Dia da Terra - e no dia 22 de abril de 1991- ato em defesa dos manguezais, no dia 04 de junho de 1991, constantes denúncias na imprensa sobre a poluição no rio Poxim e da lagoa de estabilização e reivindicações junto à Prefeitura Municipal de Aracaju, para melhorias nos serviços básicos, no bairro, como saneamento básico e calçamento das ruas. Segundo sua principal liderança, o MOPEC surge em 1991 com a missão de dar mais visibilidade às questões ambientais no Estado de Sergipe, principalmente olhando os movimentos de base e comunitários.

É imprescindível analisar que a partir do aumento da pressão ambiental, diversos atores sociais em outros Estados, e de forma mais tímida em Sergipe, começaram a ganhar espaço na mídia com seus discursos sensibilizantes das causas socioambientais. A partir desse “movimento” e com o acúmulo de mobilizações e pressões, dezenas de ações públicas foram criadas para atender as demandas dos grupos atingidos. A partir da década de 1990, o ambientalismo, em Sergipe, sofreu as mudanças trazidas pelo neoliberalismo, às modificações na estrutura do Estado que criou agências reguladoras, e instâncias mais descentralizadas que incentivavam a participação da sociedade civil nas diversas esferas de descentralização política. Esses sujeitos coletivos ganharam importância estratégica, como partícipes do processo, dando aval para as ações públicas. Esse processo neoliberal ainda ganhou contornos mais profundos com o governo do PT,

que aumentou a quantidade de intelectuais “orgânicos” nas esferas estatais, além da cooptação de lideranças ambientais para atuar em cargos comissionados do Estado. Diversos profissionais de órgãos federais também adentraram na esfera estadual, principalmente oriundos do IBAMA e do INCRA, assumindo postos comissionados na Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos.

Durante toda a década de 1990, o que foi mais sentido no movimento ambiental em Sergipe foi uma mudança repentina de posicionamento. Em alguns momentos, as ONGs partiam para o “confronto” direto ao lado das comunidades, em outras circunstâncias o que se observou foi à assimilação do discurso político dos partidos que dominavam o Estado essa postura já alertada por Touraine (2003). Essa questão é fundamental para entender o movimento ambiental no Estado de Sergipe, pois devido ao próprio formato primário das ONGs, não existia uma separação entre os interesses das lideranças e os interesses do grupo, no caso do MOPEC, antes da fundação propriamente dita do grupo, a sua principal liderança já havia em 1987 participado da fundação do Partido Verde em Sergipe, sendo inclusive candidato a alguns cargos eletivos, embora a partir da década de 1990 ele já tivesse adentrado no PT. No caso da ONG Água é Vida, algo semelhante aconteceu. O senhor Luis Alberto Palomares trabalhou em algumas prefeituras antes da criação do próprio movimento, sendo um sujeito extremamente combativo em se tratando das questões ambientais.

Então, é importante fazer esse contraponto. De um lado existia uma crítica aos governos estabelecidos, e, de outro lado, existia também um real interesse na tomada do poder, o que configurava os movimentos ambientais em Sergipe na sua segunda fase, como movimentos de esquerda. Nessa perspectiva Théry (2000, p.37):

Em outras palavras, tais condicionalidades delimitam o espaço e os termos dos conflitos de classes e de interesses dos atores internos. Condicionam o reconhecimento e o cumprimento das condicionalidades, isto é, adotam conceitos, métodos, importam mecanismos, criam formas de operacionalizar as metas de políticas públicas.

A partir dessa percepção de Théry (2000), é importante falar da fundação da ONG Água é Vida, a partir de documentos colhidos das entrevistas com o senhor Luiz Alberto Palomares. A ONG Água é Vida foi fundada em 1998, por uma iniciativa do Professor Luiz

Alberto Palomares e outras pessoas que tinham o meio ambiente como foco de discussão, sendo que o professor Palomares tornou-se em pouco tempo a principal liderança do movimento. Embora em 2011, sua esposa estivesse como diretora da OSCIP, ele continua sendo o principal mentor da organização. Segundo o professor Palomares, o principal motivo que levou a formação e organização da ONG de Defesa do Meio Ambiente Água é Vida foi o grande descaso pelas causas ambientais em Estância. Nas próprias palavras do senhor Palomares, “existia um descaso por parte dos administradores públicos e dos empresários com relação à preservação do Meio Ambiente e com a melhoria da qualidade de vida do ser humano”.

A principal missão da OSCIP foi a denúncia de todo o tipo de crime ambiental praticado nos domínios do Estado de Sergipe. A organização tem sede desde em 1998 na cidade de Estância<sup>12</sup> e continua em funcionamento em 2011. Atualmente conta apenas com uma equipe de três pessoas, uma advogada, a presidente da OSCIP que é a esposa do professor Palomares e o próprio Luiz Aberto Palomares, que alerta para o problema, de que não é fácil buscar voluntários para a causa ambiental, pois a partir de seus posicionamentos contrários à fortes grupos econômicos e políticos locais, existe um temor em fazer parte das ações da ONG.

A ONG Água é Vida, ainda desenvolvia diversas ações de monitoramento ambiental e principalmente de educação ambiental no município de Estância. Em sua organização, pode-se observar ainda uma precariedade nas ações, devido, principalmente à falta de um corpo técnico mais especializado, pois a ONG contava apenas com um profissional que tem formação técnica na área, isso dificultou bastante a profissionalização do grupo. Não existiu uma gestão mais organizada, pois embora seja uma OSCIP, ninguém recebeu salário da instituição, sendo assim, as ações propostas pela organização foram bastante resumidas nas atuações pontuais, devido a essas características, a instituição teve grande dificuldade de buscar subsídios em editais públicos. Essa dificuldade de gestão foi a tônica das instituições surgidas na década de 1990.

---

<sup>12</sup>Segundo dados colhidos na prefeitura de Estância, o Município está situado ao Sudeste do Estado, integrando a micro-região do litoral Sul Sergipano, ficando a 70 km de Aracaju, sendo banhado pelos rios Rio São Francisco, Rio Piauí e Rio Real.

Evidentemente que esse posicionamento estratégico do movimento em Sergipe, também tinha forte ligação com o momento histórico do movimento ambiental no mundo, pois o meio ambiente agora não era mais uma alternativa radical frente a um mundo em degradação, o ambientalismo pós 1987 começou a vivenciar a era do desenvolvimento econômico associado a uma proteção ambiental. O conceito de desenvolvimento sustentável trouxe em seu cerne, um viés profundamente pacífico em relação ao sistema capitalista, a ação era de não enfrentamento.

O MOPEC- Movimento Popular Ecológico foi a entidade com o maior participação no Estado, tanto que ela é citada por quase todos os entrevistados, no período de abordagem da pesquisa. A ONG surgiu em 1991 e cresceu como um movimento popular de base, diferente da OSCIP Água é Vida, o MOPEC não surgiu com um público elitizado, foram pessoas mais humildes financeiramente que montaram a estrutura da organização. As demandas surgiam a partir das lutas comunitárias que tinham um viés socioambiental, fundadas em uma premissa de defesa do meio ambiente associada, de uma real melhoria de vida, eram objetivos também do MOPEC o desenvolvimento de ações educativas, criação de eventos ligados a área ambiental e à congregação com outras entidades ambientais do Brasil.

Ainda em relação ao MOPEC alguns dados chamam a atenção, primeiramente sua forte atuação nos principais eventos relacionados ao meio ambiente em Aracaju, sempre ativo nas semanas de meio ambiente, e também nas atividades de preservação do Rio Sergipe. O grupo já chegou a ter sete coordenadores com projetos diferentes, e tem uma forte articulação com outros movimentos populares, tendo membros indígenas e quilombolas, e também forte ação no interior do Estado, principalmente nas cidades de Estância, Itabaiana, Porto da Folha e Capela.

Os movimentos sociais organizados foram a partir da década de 1990, a voz mais representativa da sociedade civil no tocante à questão ambiental em Sergipe. Diversas ONGs surgiram nesse período, reformulando a própria concepção de cidadania, e das contradições do conceito de estado democrático, embora existissem nesse período diversas organizações que começavam a travar trabalhos mais voltados para questão socioambiental no Estado. O movimento ambiental, nessa década, em relação aos veículos de comunicação, ficou isolado a algumas ações pontuais de alguns jornalistas ou

intelectuais Sergipanos, se destacando nesse momento a figura de Osmário Santos<sup>13</sup>, tendo sido um dos principais defensores do meio ambiente no Estado de Sergipe e servindo de divulgador da causa ambiental em dezenas de veículos de comunicação.

Em termos eletivos, embora como já relatado alguns ambientalistas começaram a tentar ganhar cargos eletivos, não havendo na década de 1990 nenhum avanço em relação à vitória nas urnas, talvez um dos poucos parlamentares que usava a questão ambiental como plataforma eleitoral era o então deputado Marcelo Deda (entrevista em Anexo), mesmo assim de maneira tímida, pois esse discurso ainda não representava algo que pudesse modificar a votação em Sergipe.

Analisando mais diretamente as ONGs sergipanas nas décadas de 1980 e 1990, percebe-se que todos os seus voluntários e mesmo os diretores continuaram traçando uma carreira profissional para manter seu sustento, o senhor Genival Nunes da ASPAM continuou sendo professor de Biologia.

O senhor Lizaldo do MOPEC continuou sendo servidor técnico da UFS e o senhor Palomares da “Água é Vida” continuou sendo professor de Educação Física, sendo que essas lideranças juntamente com os voluntários mais presentes, não tiveram como foco a ONG, sendo apenas um trabalho paralelo das suas ocupações.

Ainda nessa perspectiva Scherer-Warren (1999, p. 31) afirma “[...] Refiro-me a ONG que tem como finalidade melhorar ou fortalecer a própria sociedade civil, objetivando provocar micro transformações, locais ou no cotidiano ou macro transformações, mais globais ou sistêmicas”. Uma questão interessante no tocante às associações em Sergipe na década de 1980, é que o interesse maior dessas instituições era a legitimidade e a representatividade de seus líderes na esfera pública. Esse reconhecimento não poderia ser dado a partir da ação de outros integrantes, pois as associações tinham muita dificuldade de atrair voluntários, em parte pela própria letargia dos sergipanos, e também devido a uma pequena sensibilização para a causa ambiental.

No Estado de Sergipe as organizações surgidas na década de 1980 (AMABA, ASPAN e MOPEC), que poderiam ser chamadas de ONGs ou associações, eram movidas

---

<sup>13</sup> Osmário Santos é bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pelas Faculdades Integradas Tiradentes e pós-graduado "Lato Sensu", especialização em Jornalismo Político e Econômico, pela Universidade Tiradentes autor de projetos importantes para a questão ambiental no Estado de Sergipe, principalmente lutando pela defesa dos rios da capital.

pelos ideais de pessoas das mais variadas classes sociais, mas com fortes influências da preocupação planetária traduzida na grande mídia, e quem de forma bastante tímida foi reproduzida pela imprensa local. Na percepção de Leff (2006, 458)“ [...] os grupos ambientalistas nem sempre se identificam com uma classe, um partido ou um extrato social. É um movimento que atravessa, com diferentes linhas de tensão, todo o tecido social”. As pressões internacionais influenciaram as práticas nacionais, e o discurso sustentável começou a criar programas específicos do governo, os manifestantes sergipanos foram influenciados por todo clima que estava instalado no planeta. Essas primeiras associações tiveram, além da importância histórica de iniciar a discussão relacionada com o meio ambiente no Estado, a função de apoiar os movimentos populares surgidos nesse período. Essas primeiras instituições denotaram grande pressão social, pois chamaram a atenção para um problema existente em Sergipe, e também tiveram a possibilidade de influenciar as políticas governamentais, tanto no tocante às necessidades emergenciais do meio ambiente em Sergipe, como na conscientização para problemas mais “globais”. Esse despertar gerou frutos em todas as décadas seguintes.

As associações (ASPAM, MOPEC e AMABA) tinham uma premissa de afastamento dos interesses governamentais brasileiros. A atuação dessas organizações foi mais focada na agitação da sociedade civil ficando mais perto das demandas reais da população, pois, nesse primeiro momento, era claro que a função das organizações não estava como substitutas ou concorrentes das ações do Estado, mas como entidades capazes de criticar os caminhos (in)sustentáveis, dando novas contribuições através de propostas reais para a política governamental e que possibilitariam mudanças sociais para as populações mais humildes. Essa percepção, na verdade, vinha de encontro ao pensamento de que as primeiras organizações eram elitizadas e não estavam envolvidas com os movimentos populares. Nas palavras de Leff (2006, p.458) “[...] por outro lado o Meio Ambiente se articula com outros movimentos e organizações políticas dentro das organizações populares e das classes trabalhadoras, de camponeses, operários, grupos indígenas e das classes médias”. Após o estudo das organizações que surgiram na década de 1980 e 1990 em Sergipe, observou-se de forma resumida, que elas tinham como foco o benefício da população em geral, não buscavam auxiliar um grupo específico, e nasceram de uma ação propositiva em relação ao Estado.

A questão ambiental não teve nenhuma importância na definição dos alinhamentos e das preferências da eleição presidencial de outubro de 1994: nenhum dos quatro candidatos principais (Cardoso, Lula, Amin e Brizola) deu o menor destaque à proteção ambiental na sua campanha eleitoral (embora Cardoso e, particularmente, Lula tenham dado alguma consideração no programa escrito). Aproximadamente 2/3 dos ambientalistas votaram por Lula e 1/3 por Cardoso. A mobilização dos ambientalistas na campanha eleitoral foi limitada, porém teve alguma importância em algumas eleições para governador e deputados federais e estaduais. (VIOLA, 1998, p. 12).

Em 1996, surge a Rede de Educação Ambiental de Sergipe (REASE), durante a realização do I Encontro de Professores Sensibilizados em Educação Ambiental do Estado de Sergipe, quando técnicos do IBAMA, da SEMARH (na época SEMA) e da SEED articularam a criação da rede.

É possível afirmar que o movimento ambiental em Sergipe, a partir da década de 2000, ganhou contornos de pluralização e também da heterogeneidade em função das novas identidades sociais surgidas.

Assim, embora existisse por trás do movimento uma percepção de uma crítica mais aprofundada da sociedade e da sua posição frente ao capitalismo, por outro lado existia uma profunda dependência do Estado e das empresas privadas.

## CONCLUSÕES

É importante, entretanto ressaltar, que as ONGs ambientalistas em Sergipe nessa segunda fase não tiveram uma grande expressão social, embora tenham alertado a população para diversos problemas ambientais existentes. Essas organizações não ganharam um grande espaço na mídia (embora em entrevistas, o senhor Lisaldo Vieira acredite que tenha conseguido), e suas ações atraíram grande número de simpatizantes

Durante a investigação, um dos principais interesses da pesquisa foi identificar quais as formas de ação mais comuns, a estrutura hierárquica e principalmente as relações entre as organizações, o judiciário, o executivo e o legislativo sergipano. Após 1992, foi possível observar que a questão ambiental em Sergipe, ainda que não tenha conseguido mais espaço na mídia, ganhou mais legitimidade social e foi incorporada às demandas da sociedade civil, nos partidos políticos, a “ala” ambiental ganhou

visibilidade, e, conseqüentemente, na esfera do poder estatal começaram a aparecer as lideranças e seu poder de assimilação.

Enquanto as ONGs ambientais ganharam uma conotação mais profissional em todo o Brasil. A própria estrutura centralizadora e hierárquica das organizações não governamentais não permitia uma discussão mais aprofundada por parte de todos os integrantes das instituições. Interessante foi observar que em Sergipe, aparentemente apenas o MOPEC, a ASPAM e a ONG Água é Vida buscaram tomar uma atitude de resistência às parcerias, e aos apoios institucionais e os convênios interinstitucionais. Embora tenham realizado importantes articulações políticas, houve pouca aproximação com a iniciativa privada e com o Estado.

Não houve nenhum outro destaque em relação a outras organizações atuantes no período e mesmo a ONG Pensar Verde acabou perdendo sua força na década de 1990, segundo as palavras da sua própria liderança.

## REFERENCIAS

AngelaAlonso&Valeriano Costa. **Por uma sociologia dos conflitos ambientais no Brasil** \*\*\*Paper preparado especialmente para o Encontro do Grupo Meio Ambiente e desenvolvimento da Clasco – Rio de Janeiro, 22 e 23 de novembro de 2000. Acessado em 23/04/2009

BAUER, M.W.; GASKELL G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOEIRA, S. L. **Crise civilizatória & ambientalismo transtetorial**. UFSC, Revista de Ciências Humanas, v. 16, n. 23, p. 71-102, abril. Florianópolis,1998.

\_\_\_\_\_. **Política & Gestão Ambiental no Brasil: da Rio-92 ao Estatuto da Cidade (versão em português)**. Política y Gestión Ambiental en Brasil: de Río-92 al Estatuto de La Ciudad (versão em espanhol). Alcance (UNIVALI), Itajaí, v. 10, n. 3, p. 525-558, 2003.

CAMPÊLLO, Lorena de O. S. **Informação ambiental, cidadania e qualidade ambiental em espaços urbanos: os casos da Fábrica de Cimento Portland de Sergipe e da Lixeira da Soledade**. In: Rosemeri Melo e Souza; Maria José Nascimento Soares. (Org.). Sustentabilidade, Cidadania & Estratégias Ambientais: experiência Sergipana. São Cristovão: Editora UFS, 2008, p. 91-107

CHACON, Suely. S. **Reflexões sobre a crise ambiental: uma viagem até suas origens e um encontro com as soluções**. Revista do Centro de Ciências Administrativas (UNIFOR), Fortaleza-Ceará, v. 9, n. 1, p. 66-75, 2003.

COIMBRA, A. **Movimentos sociais e educação ambiental**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 15, p. 20-28, 2005.

\_\_\_\_\_; FERNANDES, A. A. **Sujeitos coletivos e educação ambiental: o papel das ONGs ambientalistas de Juiz de Fora no conselho municipal de meio ambiente - Comdema - Juiz de Fora - Minas Gerais**. Revista Vianna Sapiens, v. 2, p. 127-152, 2011.

DOMINGUES, S. C. **Movimentos ambientalistas do nordeste do Brasil: compreendendo a complexidade dos fundamentos e ações**. A Ideia, v. 67, p. 33-45, 2010.

\_\_\_\_\_. **Teoria e Prática dos Movimentos Ambientalistas e Outros Atores Sociais do Nordeste do Brasil**. SOCIUS - Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações. ISEG - Instituto Superior de Economia e Gestão . Universidade Técnica de Lisboa. 2010.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. T. de. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. 4. reimpressão. São Paulo: Atlas, 2010.

GADEA, Carlos A. and Scherer-Warren, Ilse **A contribuição de Alain Touraine para o debate sobre sujeito e democracia latino-americanos**. Rev. Sociol. Polit, no.25, p.39-45, 2005.

FERRY, Luc. **A nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

FERRY, Luc. **A nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

FREITAS, Clarissa Figueiredo Sampaio . **O novo modelo de gestão urbana estratégica em Fortaleza: aumento das desigualdades sócio-ambientais**. Universitas. História (UNICEUB), v. 3, p. 01, 2006.

HERCULANO, S. C. **Do desenvolvimento (in) suportável à sociedade feliz**. In: \_\_\_\_\_. **ONGs e movimentos sociais : a questão de novos sujeitos políticos para a sustentabilidade**). Meio Ambiente: questões conceituais. Niterói, UFF/PGCA-Riocor, 2000, pp. 123 –155

JACOBI, Pedro. **Movimento ambientalista no Brasil. Representação social e complexidade da articulação de práticas coletivas**. In: Ribeiro, W. (org.) . Publicado em Patrimônio Ambiental – EDUSP – 2003.

LEFF, H. **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

NOTTINGHAM, Patrícia Carvalho. **Tempos Verdes em Fortaleza: experiências do movimento ambientalista (1976-1992)** – Dissertação (mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.

PERUZZO, Cícília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**. 3 edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

SENA, A.M.C ; OLIVEIRA, F. C. ; CHACON, Suely. S. **Vozes Sem Eco Entoadas do Nordeste do Brasil: Construtos de Resistência à Degradação Ambiental**. In: VII Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica, 2007, Fortaleza. VII Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica. Brasília : ECO-ECO, 2007.

SCHERER-WARREN, I. **Cidadania sem fronteiras: Ações coletivas na era da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SIQUEIRA, S. M. M. **O papel dos movimentos sociais na construção de outra sociabilidade**. In: Anped, 2002, Caxambu. Anped 2002. caxambu : Anped, 2002.

TAVOLARO, Sérgio Barreira de Faria. **Movimento ambientalista e modernidade: sociabilidade, risco e moral.** São Paulo: Annablume, 2001.

TOURAINÉ, Alan. **Movimentos sociais e ideologias nas sociedades dependentes.** In: Albuquerque, J. A. G. (org.). *Classes médias e política o Brasil.* Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1977. TOURAINÉ, Alan.

\_\_\_\_\_. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes. 2003.

TREVISOL, Joviles Vitório. **Atores sociais e meio ambiente: análise de uma rede transnacional de organizações da sociedade civil.** Chapecó: Argos, 2007.

VIOLA, Eduardo. **A globalização da política ambiental no Brasil, 1990-1998.** Paper preparado para apresentar no "XXI International Congress of the Latin American Studies Association", Panel ENV 24, Social and Environmental Change in the Brazilian Amazon; The Palmer House Hilton Hotel, Chicago, USA, 24-26 de Setembro de 1998. Acessado em 21/03/2009.